

**Miriam Gomes Saraiva, Política externa européia.
Buenos Aires, Grupo Edita Latino-Americano, 1996**

Viviane de S. Simas

Num mundo onde se vêm delineando gradativamente os caracteres de uma nova macroestrutura internacional, refletir o posicionamento externo da Europa comunitária torna-se imperativo, já que nos parece consensual o deslocamento de uma configuração bipolar de poder para uma estrutura de multipolaridade. A autora faz um recuo à década de 80 e estabelece como período de estudo o intervalo de 1984 - 1992, que se caracterizou fundamentalmente, no que concerne à América Latina, pelo enfrentamento de imensos problemas econômicos e pelo desenvolvimento do processo de democratização.

A arquitetura do presente trabalho fortalece-se na medida em que para subsidiar a tese central, qual seja a de analisar o comportamento externo europeu em relação à América Latina, com vistas a identificar a existência de um projeto de presença e identidade européia no campo da política externa, a autora explora condicionantes endógenos e exógenos à política externa européia.

Explora a especificidade do processo de integração europeu, inteligentemente capta a pertinência de se estudar os vínculos da Europa com uma área periférica do globo, na medida em que tal iniciativa anuncia a "exploração" de nichos pela Europa comunitária face a uma nova conjuntura internacional. Elucida de maneira objetiva e clara aspectos do funcionamento bem como da evolução das instituições européias frente às adversidades internas e externas. Quanto a estas, mapeia o contexto internacional das décadas de 70, 80 e início dos 90 identificando a tônica das relações internacionais nesse período. Quanto às primeiras, investiga os entraves político-burocráticos bem como a presença de elementos de natureza intergovernamental e supranacional no funcionamento da Cooperação Política Européia.

No primeiro capítulo, a proposta é qualificar a Comunidade Européia como ator internacional. Assim sendo, a autora analisa as importantes contribuições do debate acadêmico acerca do fenômeno europeu através da reflexão sobre conceitos-chave como política externa européia. Visa também a estabelecer as premissas que nortearão sua análise, que se dividem em três categorias. A primeira refere-se tanto à inserção da Comunidade Européia no ambiente externo quanto ao relacionamento entre Europa e EUA, entre esses e a América Latina, entre a Europa e a periferia global; e os acontecimentos latino-americanos que suscitaram reações por parte da Europa Comunitária.

A segunda refere-se aos aspectos da integração, ou seja, como se dá a interação dos mecanismos de decisão a nível de política externa.

A terceira refere-se às variáveis internas dos países-membros que influenciam a formulação de política externa comum.

No capítulo 2, a autora articula a política externa européia aos seus processos de estruturação e às conjunturas política e economia. Declara que a primeira metade de década de 80 foi um período de crise econômica e também de grandes transformações na economia internacional. Rivalidades com EUA e Japão eram o eixo dos problemas na arena externa enquanto internamente os governos promoviam ajustes em suas economias visando adequar-se às novas tendências tecnológicas. Em termos políticos, a predominância foi da social-democracia. Tempos econômicos difíceis impulsionaram as forças conservadoras, sobretudo os partidos democrata-cristãos, implicando uma certa inflexão na política externa européia.

A análise avança para o entendimento dos mecanismos particulares de formulação de política externa da Europa Comunitária. "Apresenta" os órgãos da Comunidade que são a base do processo de tomada de decisões, quais sejam o Conselho e a Comissão, salientando o embate entre as proposições dos mesmos e as dos Estados-membro.

Declara que tanto as instituições comunitárias quanto a cooperação política européia contribuíram decisivamente para a intensificação dos diálogos entre a Europa Comunitária e outros grupos de países, ou seja, os diálogos inter-regionais. A idéia de que a inserção externa européia se amplia no período estudado também é defendida e sustentada através das iniciativas de aproximação junto aos países centro-americanos e os do Grupo do Rio.

No capítulo três é feita a caracterização do ambiente externo, o que nos permite afirmar que os eventos a nível das relações internacionais não estão descolados do processo global. Esse desenvolvimento denota perspicácia e sensibilidade presentes na sua reflexão.

Miriam Saraiva mostra como, face a uma interação mais aguda, no que concerne aos temas políticos, econômicos e estratégicos, o mundo se tornava cada vez mais interdependente. As relações internacionais ganhavam novos elementos e conseqüentemente as políticas externas dos Estados adquiriam nova dinâmica. A Europa comunitária buscou ampliar seu papel no cenário internacional através da diversificação de seus sócios econômicos externos e para tanto elegeram os países periféricos.

O mapeamento político e econômico da década de 80 mostra quão decisivas foram as transformações na URSS, na economia internacional, na economia norte-americana, a questão da dívida externa dos países periféricos, as mudanças no comércio internacional. A recessão mundial valida a defesa da percepção pela Europa de um novo momento e de novas possibilidades, ainda que consciência e ação não tenham se dado de forma linear. Intensifica a problemática mostrando as rivalidades entre os EUA e a Europa comunitária tanto no campo econômico quanto militar. A questão aqui é que, com o fim da bipolaridade e o estabelecimento de multipolaridade, a Europa luta pela conquista de novos espaços. Assim sendo, a Europa preocupou-se com o estreitamento dos laços junto aos países periféricos através da defesa de valores como economia de mercado, pluralismo democrático e apoio aos processos de integração regional.

Já no capítulo 4 a idéia principal é de mostrar como se deu a evolução não-linear do relacionamento entre a Europa Comunitária e a América Latina na década de 80. O mais grave problema latino-americano, a questão da dívida externa, não foi considerado pela Europa. Uma ligação fluida deixava patente que a Europa comportava-se mais no sentido de "restaurar a estabilidade e legitimidade do sistema ocidental na região" do que de promover o desenvolvimento da América Latina.

Finalmente, nos capítulos 5 e 6, a autora cuida de concretizar através de estudos de caso a idéia central do livro. Nesses capítulos, os diálogos com grupos de países latino-americanos explicitam a busca de maior presença externa por parte da Europa Comunitária.

No capítulo 5, é colocado o caso do comportamento europeu frente aos países centro-americanos que enfrentam sérias crises internas. A autora defende que, em função do conflito Leste / Oeste, conflitos regionais assumiam caráter global / internacional, a situação na América Central sofreu interferência dos principais atores do sistema internacional. Assim sendo, a Europa, ambicionando maior influência externa, aproxima-se desse grupo de países com vistas a estabelecer critérios para equacionamento dos problemas enfrentados pelos mesmos.

Entretanto, de acordo com suas idéias, desde o início era evidente a incompatibilidade entre os interesses europeus e os centro-americanos, sobretudo no campo econômico - questão do Sistema Geral de Preferências, investimentos, ajuda econômica, etc. De uma certa forma, os compromissos econômicos foram condicionados à consecução da integração regional, pacificação e democratização. A interferência norte-americana e a discrepância entre a retórica e a prática foram problemas que permearam durante algum tempo a evolução do diálogo, segundo a autora, entre o grupo europeu e o centro-americano.

No capítulo 6, de acordo com sua exposição, embora tenhamos que reconhecer que o diálogo com o Grupo do Rio se deu em um novo momento e com outras motivações e particularidades, da mesma forma pode-se observar uma evolução flutu-

ante acerca basicamente dos mesmos temas tratados com a América Central.

Esse livro apresenta-se como um excelente trabalho sobre um tema muito relevante, situado num período decisivo para a formação da nova ordem internacional. Sua força está, especialmente na percepção da busca de novos espaços por parte dos atores do sistema internacional quando da ocorrência de rupturas nas suas estruturas face ao misto de influências cruzadas sofridas tanto do ambiente externo quanto interno. O caso europeu é particularmente pertinente na medida em que suscita a reflexão e análise dos novos alicerces econômicos, políticos e estratégicos da estrutura internacional.